

Sarney não teme perder votos com medidas econômicas

Ouro Branco, MG — Fotos de Waldemar Sabino

Belo Horizonte — O presidente José Sarney afirmou que não teme repercussões negativas das medidas adotadas no Plano de Metas sobre o desempenho eleitoral dos partidos e candidatos que apoiam seu governo.

— O dever de um presidente da República é o de cumprir com aquilo que a nação espera dele. Não podemos submeter as decisões do presidente a qualquer consequência de natureza eleitoral. Mas eu tenho absoluta certeza de que o povo brasileiro está ao nosso lado, aprovando as decisões do governo, porque ele sabe que essas decisões são tomadas de uma maneira séria, ponderada e como a melhor decisão possível — disse.

Dar aos pobres

Em entrevista concedida antes de embarcar de volta a Brasília, tendo ao lado o governador Hélio Garcia — com quem inaugurou o funcionamento integrado da Usina Presidente Arthur Bernardes, da Açominas, em Ouro Branco (MG) —, o presidente da República disse que recebe com naturalidade as críticas contra o Plano de Metas. “Numa sociedade democrática, todo cidadão tem o direito de questionar as decisões do governo”, afirmou.

— O governo decide em face de realidades. Agora, eu acho que tomei a melhor decisão para o país, que é justamente de manter o crescimento econômico e assegurar as conquistas do Plano Cruzado e, sobretudo, para fazer isto, evidentemente que nós temos de recorrer aqueles que têm mais, em benefício dos que nada têm.

Sarney enfatizou que o empréstimo compulsório sobre o álcool e a gasolina não causarão alta nos índices de inflação, conforme haviam afirmado os ministros da Fazenda, Dílson Funaro, e do Planejamento, João Sayad. Disse o presidente que “um dos motivos do compulsório sobre os combustíveis é que eles não têm nenhuma influência sobre o processo inflacionário”. Indagado por um jornalista, se o governo prepara “novas correções para o Plano Cruzado”, Sarney reagiu:

— Não foi uma correção do Plano Cruzado. O que estamos procurando é assegurar a continuidade dos benefícios já adquiridos pelo povo com o Plano Cruzado.

Não interfere

— A indefinição do PMDB mineiro para a sucessão preocupa o senhor? — perguntou um jornalista, referindo-se aos sucessivos adiamentos, pelo governador Hélio Garcia, do anúncio do nome preferido por ele para disputar o governo do Estado. Garcia, ao lado de Sarney, franziu a testa, sério, e demonstrou alívio (deu um largo sorriso) quando ouviu a resposta do presidente:

— Olha, tem uma frase em Minas, que eu acho que foi feita, não só para defender os mineiros, como também para defender aqueles que não interferem na política de Minas Gerais: “Em Minas, a política se resolve em Minas.”

Sarney desembarcou na Pampulha às 8h32min, acompanhado de sua mulher, dona Marly Sarney, e dos ministros do Gabinete Militar, general Bayma Denys, do Gabinete Civil, Marco Maciel, da

Indústria e do Comércio, José Hugo Castelo Branco, das Minas e Energia, Aureliano Chaves, do Interior, Ronaldo Costa Couto, e do governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira. Além dos líderes do PMDB na Câmara e no Senado, deputado Pimenta da Veiga (MG) e senador Alfredo Campos (MG) e do primeiro vice-presidente nacional do PFL, deputado Maurício Campos.

O governador Hélio Garcia com o ex-presidente Ernesto Geisel — em cujo governo foram iniciadas as obras de construção da usina Presidente Arthur Bernardes — receberam o presidente, acompanhados de políticos mineiros, entre eles o líder do PDS no Senado e possível candidato do partido ao governo de Minas, Murilo Badaró, e do empresário Murilo Mendes, amigo pessoal de Sarney.

Nenhum dos postulantes a candidato do PMDB à sucessão de Hélio Garcia — os deputados Carlos Cotta, Leopoldo Bessone e Ronan Tito, e o ex-prefeito de Contagem, Newton Cardoso — foi ao aeroporto ou a Ouro Branco, a exemplo do candidato do Movimento Democrático Progressista, senador Itamar Franco (PL), que justificou sua ausência, através de sua assessoria de imprensa:

— Não fui ao aeroporto para não constranger o presidente — disse Itamar, que deixou o PMDB para ser candidato pelo PL, com apoio do PFL, PDT e PCB. O senador evitou, assim, postar-se ao lado do governador Hélio Garcia, na fila de cumprimentos, para dar as boas-vindas a Sarney.

Açominas

O presidente José Sarney declarou ontem, em entrevista coletiva, nesta capital, que o ato de inauguração da fase integrada (sinterização, alto-forno e aciaria) da Açominas-Aço Minas Gerais, em Ouro Branco, era um sinal de que o Plano de Metas, anunciado 48 horas antes, começava a funcionar.

— Se nós não estivéssemos já visualizando recursos do Plano de Metas, não teríamos tido condições de fazer os investimentos que fizemos, tornando realidade o funcionamento da Açominas, agora — afirmou.

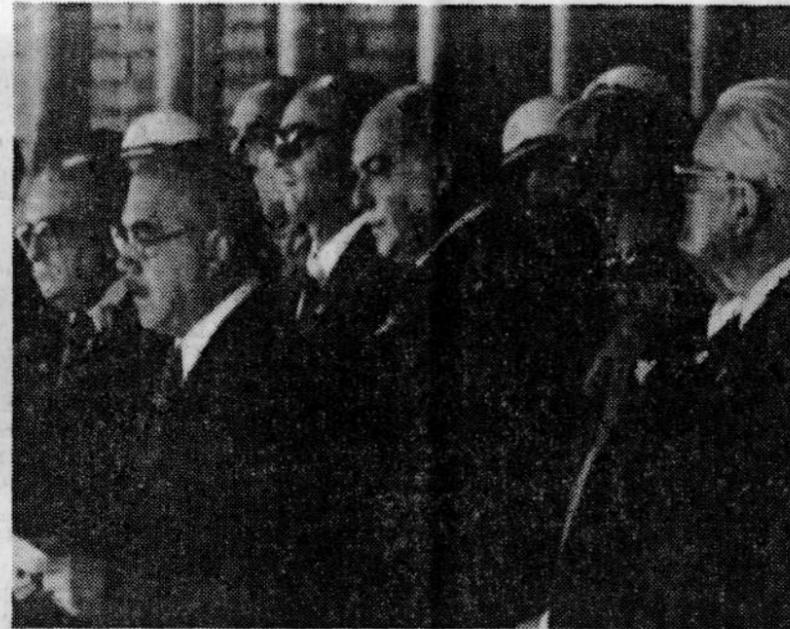
José Sarney salientou que não poderia, também, ter anunciado, em seu discurso de inauguração da fase integrada da Açominas, a segurança de recursos para ser iniciada a terceira fase, instalação de laminadores de perfis médios e pesados e trilhos.

— Se o Brasil não tiver condições de cumprir seu plano siderúrgico e não tivéssemos colocado hoje (ontem) o forno da Açominas em funcionamento, já no próximo ano nós teríamos que importar 1 milhão 500 mil t de aço — disse.

Investimentos

— Aço é sinal de progresso e condição necessária para que possamos ocupar um lugar de destaque no futuro que se avizinha — declarou o presidente em seu discurso. Frisou que o Plano de Metas “não é apenas uma decisão política, mas econômica, porque possibilita o saneamento das empresas”.

Logo em seguida, às 10h20min, José Sarney chegou nas instalações do alto-



Sob olhar compenetrado do ex-presidente Geisel (D), Sarney discursou depois de ser recebido com carinho



forno da Açominas, onde presidiu a cerimônia, acompanhado dos ministros da Indústria e Comércio José Hugo Castelo Branco; do Gabinete Civil, Marco Maciel; do Gabinete Militar, General Bayma Denys; das Minas e Energia, Aureliano Chaves; e do Interior, Ronaldo Costa Couto, além dos governadores de Minas, Hélio Garcia; do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira; do ex-presidente Ernesto Geisel; e do presidente da Siderbrás, Amaro Lanari Junior, entre outras autoridades. Descerrou uma placa alusiva à inauguração e acendeu a ventaneira n° 7.

O presidente da Siderbrás declarou que, para a instalação dos laminadores da fase III da Açominas, cujas obras devem começar no próximo ano, serão necessários investimentos de 280 milhões de dólares, que deverão ser captados pela própria empresa em operações de *sale and lease back*. Até agora, desde que começou a ser construída, em novembro de 1976, a usina — projetada para produzir 2 milhões t/ano de aço, mas superdimensionada em sua infra-estrutura para expansões em etapas para até 10 milhões t/ano — já recebeu investimentos da ordem de 5 bilhões 670 milhões de dólares. Este ano, sua produção será de 450 mil t de blocos, placas e tarugos para o mercado interno e de 110 t para o exterior. Para 1987, o previsto são 1 milhão 500 mil t e, já em 1988, 2 milhões t, sendo 1 milhão t para exportação.

Amaro Lanari disse que as etapas seguintes da Açominas, após a implantação da fase III, quando seu faturamento está previsto em 1 milhão 500 mil dólares/dia, “só serão discutidas se a usina demonstrar competência na produção de aço”. Com a inauguração da fase integrada da Açominas, o Brasil passa a ter capacidade para produção de 22 milhões 500 mil t/ano de aço e o grupo Siderbrás de 15 milhões a 16 milhões t/ano. Este ano, o setor estatal deverá atingir uma produção de 14 milhões t, das quais perto de 4 milhões t para exportação, repetindo o índice de 1985.

Presidente mantém popularidade

Ouro Branco, MG — O primeiro teste de popularidade do presidente José Sarney, após as novas medidas econômicas, foi-lhe inteiramente favorável, em Ouro Branco, onde presidiu as solenidades de inauguração da usina de Açominas. Por onde passava, o presidente era intensamente aplaudido. Em alguns lugares, a concentração popular chegava a reunir 2 mil pessoas.

O presidente Sarney, durante todo o tempo em que permaneceu no interior da usina, recebeu aplausos dos operários, dos funcionários e de populares que se aglomeravam, atrás de um cordão de isolamento, no pátio externo do escritório central da empresa.

Capital fria

Sarney ficou satisfeito quando uma senhora começou a chamá-lo pelo nome. Dirigiu-se até ela e a abraçou efusivamente, sorrindo. A imprensa estava próxima e um repórter da Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, tentou entrevistá-lo, mas ele não respondeu.

O presidente Sarney cumpriu o ritual de inauguração sempre acompanhado

por um batalhão de repórteres e cinegrafistas, mas só aceitou dar entrevistas no aeroporto da Pampulha, onde embarcou de volta a Brasília.

Ao contrário do que ocorrera em sua última visita a Belo Horizonte, no dia 3 de abril passado, o presidente Sarney não recebeu, ao desembarcar nem ao embarcar de volta a Brasília, qualquer manifestação de apoio, aplausos ou “vivas”. Vaias também não houve.

O único protesto foi feito pelo presidente do sindicato dos jornalistas profissionais de Minas, Manoel Marcos Guimarães, que entregou ao presidente da República um manifesto dos jornalistas mineiros contra o veto por ele imposto ao projeto de lei n° 128, que dispunha sobre o salário mínimo profissional da categoria.

Inspiração

Sarney concluía a leitura de seu discurso, na Açominas, quando lhe ocorreu uma frase dita por Tiradentes, há quase 200 anos, e que também foi utilizada por Tancredo Neves, no final de seu discurso,

após a vitória no Colégio Eleitoral: “Se todos quisessem, poderíamos fazer do Brasil uma grande nação”.

O presidente disse a frase e improvisou: “Quem é o autor desta frase? É o grande herói visionário da Independência, Tiradentes. E nós lhe respondemos, queremos sim, queremos. Vamos querer. Estamos querendo. O Brasil já deu certo”. A inspiração do presidente da República arrancou aplausos da platéia formada por políticos, empresários e alguns trabalhadores da Açominas.

— Tenho feito da Presidência da República um exercício diário de tolerância e de determinação, ao que sei, desejos do país. No momento crucial e dramático por que passamos, não hesitei em mobilizar todas as minhas forças para dar ao Brasil o que o Brasil reclamava: um basta decisivo à perversidade do processo inflacionário que ameaçava corroer a energia nacional, preparando o país para o futuro. Fazendo-o crescer num clima em que o fruto do trabalho coletivo há de ser repartido com justiça e equidade — afirmou o presidente.